



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Nuno Miguel Dos Santos Costa

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
SECUNDÁRIA DA LOUSÃ, COM O 9ºD NO ANO LETIVO DE
2018/2019**

**“FEEDBACK PEDAGÓGICO NAS AULAS DE E.F: RELAÇÃO COM A
FREQUÊNCIA DE INTERVENÇÃO E DIREÇÃO.”**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de Mestre na vertente de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, orientado pelo Mestre José Ferreira e coorientado pelo Professor João Moreira.

Maio de 2019

Nuno Miguel Dos Santos Costa

2017217817

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NA ESCOLA SECUNDÁRIA DA
LOUSÃ, JUNTO DA TURMA DO 9º D, NO ANO LETIVO DE 2018/2019**

“Feedback Pedagógico nas aulas de E.F: Relação com a frequência de intervenção e
direção.”

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino de
Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador: Professor Doutor José Ferreira

Coimbra, 2019

Nuno Miguel Dos Santos Costa, aluno n.º 2017217817 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no artigo n.º 27-A, da secção V, do Regulamento Pedagógico da UC – Regulamento 321/2013, de 23 de agosto de 2013, alterado pelo Regulamento n.º 400/2019, de 6 de maio.

Junho de 2019

(Nuno Miguel Dos Santos Costa)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, avós, e, principalmente, há minha mãe que sempre me apoiou em tudo o que necessitei ao longo do meu percurso acadêmico.

Aos meus amigos que também sempre me auxiliaram no que necessitei.

Aos colegas do núcleo de estágio, Nuno Domingues, Jéssica Ralha e João Santos, pela convivência, espírito de amizade e interajuda vivido ao longo destes últimos meses.

Ao professor João Moreira pela ajuda, conhecimentos transmitidos, momentos passados, e pela forma como nos recebeu nesta importante etapa da nossa vida.

Ao professor José Ferreira por toda a persistência, orientação e aprendizagens transmitidas, determinantes para que conseguíssemos alcançar os nossos objetivos.

Aos alunos da turma 9ºD de 2018/2019 da ESL pelo espírito de amizade desenvolvido e momentos passados ao longo deste ano letivo, que me permitiram evoluir, tanto a nível profissional, como pessoal.

À minha namorada, Daniela Queda, por toda a ajuda e paciência que teve comigo ao longo destes 2 anos e por sempre acreditar nas minhas capacidades.

RESUMO

A concretização do relatório final de estágio, surge no âmbito da Unidade Curricular de “Relatório de Estágio”, introduzida no 2º ano do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra.

Neste documento, encontram-se as tarefas desempenhadas, as experiências vividas e a minha evolução ao longo deste ano letivo. De início, produzimos uma análise refletiva em relação à prática e intervenção pedagógica, consoante o nível de realização, planeamento e avaliação.

O Estágio Pedagógico decorreu no ano letivo de 2018/19, na Escola Secundária da Lousã, com a turma do 9ºD, em que tive a oportunidade de, por um lado, aprender novas coisas e, por outro, transmitir bons valores e conhecimentos aos alunos. Esta experiência fez com que aprendesse bastante com os erros, tornando-me, assim, um docente mais bem preparado.

De seguida, realizamos um aprofundamento do tema-problema, em que se pretende descobrir se o professor conseguiu transmitir corretamente o feedback aos alunos, no que diz respeito à direção e à frequência de intervenção, tanto nas modalidades coletivas, como nas individuais.

Posto isto, percebi que o estágio realizado é uma etapa inicial e fundamental do nosso trajeto, enquanto docentes, na medida em que nos fornece competências e formação para que consigamos desenvolver as nossas aprendizagens e vivências. Deste modo, estaremos mais habilitados para colocar em prática a aplicação dos conhecimentos adquiridos, no âmbito da Educação Física.

Palavras-chave: Conhecimentos, Educação Física, Estágio Pedagógico, *Feedback*.

ABSTRACT

This document, which is the final report of the internship, appears in the scope of the Internship Report Curriculum Unit introduced in the 2nd year of the Master's Degree in Physical Education Teaching of Basic and Secondary Education, Faculty of Sports Sciences and Physical Education, University of Coimbra.

In this document are the tasks performed, the experiences lived in various situations and the evolution that I realized during the school year. Initially, we produced a reflexive analysis of practice and pedagogical intervention, depending on the level of achievement, planning and evaluation.

The Pedagogical stage was held in the 2018/19 secondary school, in the Lousã Secondary School, with the 9th grade class, where I had the opportunity to learn new things, transmit good values and knowledge to the students and learned a lot from the mistakes so that in the future a teacher already with experience and wisdom.

Afterwards, a deepening of the problem theme is carried out, in which it is tried to find out if the teacher was able to make a correct transmission of the feedback to the students in relation to the content, direction and frequency of intervention in both collective and individual modalities.

After this, I realized that the internship is a fundamental and initial stage of our journey as a teacher, because it gives us skills and training so that we can develop our learning and experiences, putting into practice the application of the knowledge acquired to expose a practice teacher in the scope of Physical Education

Keywords: Pedagogical Internship, Feedback, Physical Education, Knowledge.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EP- Estágio Pedagógico

ESL – Escola Secundária da Lousã

FCDEF-UC – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

MEEFEBS – Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

UD- Unidade Didática

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Desportos coletivos – Frequência de intervenção

Tabela 2: Desportos coletivos – Direção

Tabela 3: Desportos individuais – Frequência de intervenção

Tabela 4: Desportos individuais – Direção

Tabela 5: *WILCOXON TEST* – FREQUÊNCIA DE INTERVENÇÃO: INDIVIDUAL VS. COLETIVO

Tabela 6: *WILCOXON TEST* – DIREÇÃO: INDIVIDUAL VS. COLETIVO

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Modelo do Plano de Aula

Anexo 2 – Grelha da avaliação Diagnóstica

Anexo 3 - Certificado Oficina de Ideias

Anexo 4 - Certificado FICEF

Anexo 5 – Ficha de Observação do *Feedback* Pedagógico (FB)

ÍNDICE

Agradecimentos	V
Resumo	VI
<i>Abstract</i>	VII
Lista de Siglas e Abreviaturas	VIII
Lista de Tabelas.....	IX
Lista de Anexos.....	X
Introdução.....	1
1. Contextualização da Prática Desenvolvida	
1.1. Expectativas Iniciais.....	2
1.2. Projeto Formativo.....	3
1.3. Condições Locais e da Relação Educativa	
1.3.1. Caracterização da escola.....	4
1.3.2. Caracterização do grupo de Educação Física.....	5
1.3.3. Caracterização da turma.....	6
2. Análise Reflexiva sobre a Prática Pedagógica	
2.1. Planeamento	
2.1.1. Plano anual.....	7
2.1.2. Unidades didáticas.....	9
2.1.3. Planos de aula.....	11
2.2. Intervenção Pedagógica	

2.2.1. Instrução.....	13
2.2.2. Gestão.....	14
2.2.3. Clima de aula / Disciplina.....	15
2.2.4. Decisões de ajustamento.....	16
2.3. Avaliação das aprendizagens	
2.3.1. Avaliação Inicial.....	17
2.3.2. Avaliação Formativa.....	18
2.3.3. Avaliação Sumativa Final.....	19
2.4. Percurso global.....	20
3. AT/P: “Feedback Pedagógico nas aulas de E.F: Relação com a frequência de intervenção, direção e conteúdo”.	
3.1. Nota Introdutória.....	21
3.2. Enquadramento teórico.....	22
3.3. Objetivos.....	26
3.3.1. Questões de pesquisa.....	26
3.4. Metodologia.....	26
3.4.1. Amostra.....	26
3.4.2. Variáveis em estudo.....	27
3.4.3. Instrumentos.....	27
3.4.4. Procedimentos.....	27
3.4.5. Análise/Tratamento Estatístico.....	28
3.5. Resultados.....	29
3.6. Discussão dos resultados	35
3.7. Síntese Conclusiva.....	38

Conclusão.....	39
Bibliografia.....	40
Anexos.....	41

INTRODUÇÃO

O presente relatório final de Estágio Pedagógico (EP), surge no âmbito da unidade curricular “Relatório de Estágio”, que integra o 2ºano do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS), da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC).

O Estágio Pedagógico caracteriza-se por ser a etapa final do processo de formação do estagiário, enquanto futuro professor, possibilitando e beneficiando a evolução de competências, conhecimentos e habilidades estudados ao longo do ano letivo.

O estágio decorreu na Escola Secundária da Lousã (ESL), situada no distrito de Coimbra, concelho da Lousã. O grupo de estágio era constituído por mais 3 elementos, a saber: Jéssica Ralha, João Santos e Nuno Domingues.

Ao longo de todo o estágio, fomos acompanhados pelo professor orientador da ESL, João Moreira, fundamental no processo de ensino-aprendizagem, e pelo professor Doutor José Ferreira, que nos ajudou em tudo o que necessitámos.

No EP, o estagiário fica encarregue duma turma durante todo o ano letivo, sendo supervisionado pelos professores orientadores, sendo que tem de elaborar todo o planeamento das tarefas necessárias, desde a intervenção pedagógica à avaliação dos educandos.

O relatório está dividido em 3 capítulos desiguais. O capítulo 1, refere-se à contextualização da prática desenvolvida, tendo em conta as expectativas iniciais relativas ao EP, a caracterização da escola e do grupo de Educação Física, e o diagnóstico da turma. No capítulo 2, é realizada a análise reflexiva sobre a prática pedagógica, os aspetos mais analisadores da intervenção feita ao longo do ano letivo. Por último, no capítulo 3, é exibido o aprofundamento do tema-problema, “Feedback Pedagógico nas aulas de E.F: Relação com a frequência de intervenção e direção”, em que se pretende identificar se o professor conseguiu transmitir devidamente o feedback aos alunos e se estes o retiveram da maneira mais eficaz através das 2 variáveis analisadas na ESL.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

1.1. Expetativas Iniciais

A conclusão deste estágio é a etapa final da minha vida acadêmica, após um longo percurso que fiz, em 3 anos de licenciatura e num ano de mestrado. Encarei este estágio como uma oportunidade única no meu trajeto enquanto professor estagiário, em que consegui aplicar todos os meus conhecimentos teóricos na prática do processo de ensino-aprendizagem, conseguindo, assim, alcançar alguma experiência e sabedoria ao longo do estágio, que me vai ser bastante importante no meu futuro enquanto docente.

Durante o EP, a motivação e o empenho sempre me assistiram, havendo ainda que, algum receio e ansiedade, porque nem sempre as coisas correm como nós queremos e temos de ter a capacidade de nos conseguirmos adaptar a diversas situações, para que o resultado seja sempre melhor.

Devido ao meu estatuto de treinador, já tinha uma perspectiva de como iria ser a lecionação, pois a formação nas camadas jovens de futebol deu-me alguma confiança em relação ao modo como as aulas se iriam desenrolar.

Assim, a escolha desta minha área científica, deve-se ao facto de ter sido sempre uma disciplina pela qual tive gosto, pelo facto de adorar ensinar, de transmitir a informação correta e adequada aos alunos, para que conseguissem ter a devida evolução, de modo a que percebessem que todo o esforço compensa.

A colaboração com os meus colegas de estágio e professores foi fundamental, havendo a realização de reflexões críticas de todas as aulas, em que houve partilha de opiniões e críticas construtivas, com objetivo de aprimorar algumas lacunas existentes.

Em suma, o meu objetivo neste estágio foi conseguir abordar as modalidades escolhidas pela escola, de forma adequada e correta com os alunos, tentado sempre corrigir e esclarecê-los nas suas dúvidas e, ao mesmo tempo, criar e promover um bom ambiente de aprendizagem nas aulas, para que os alunos gostassem da Educação Física e auferissem o gosto pela prática desportiva.

1.2- Projeto Formativo

Foi realizado por parte dos professores estagiários, antes de iniciar o Estágio Pedagógico, uma autoanálise crítica do nível de competências, para que conseguíssemos compreender quais eram as ameaças ao desenvolvimento, as oportunidades de melhoria, o que permitiu fazer uma reflexão sobre estes pontos essenciais, percebendo quais eram as lacunas a ser colmatadas na realização do estágio, sendo adotados estratégias específicas que nos auxiliassem a realizar os objetivos delineados para o ano letivo.

Realçando os pontos fracos, uma das minhas fragilidades foi a transmissão do feedback pedagógico aos alunos, na medida em que tentei ser demasiado perfeccionista, o que me prejudicou a mim e aos alunos. Um outro ponto fraco foi o número de alunos, sendo que fui informado de que teria ~~mais~~ dificuldades em adaptar alguns exercícios, por haver um número de discentes inferior ao necessário.

No que diz respeito aos pontos fortes, é de salientar que o conhecimento que tinha acerca das modalidades me beneficiou, que era empenhado, que tinha gosto de ensinar e corrigir os erros dos alunos, fazendo-os entender que é preciso aprender com eles para que eu conseguisse evoluir.

A partilha de conhecimentos com o orientador e com os membros do núcleo de estágio fez com que todos conseguíssemos perceber os erros mais frequentes e, assim, foi possível realizar uma reflexão ponderada entre todos. Deste modo, este debate permitiu-nos adotar novas estratégias, corrigindo falhas que melhoraram a nossa capacidade de lecionar.

Por último, uma das maiores incertezas seria não conseguir integrar os alunos com necessidades educativas especiais, nos exercícios com a restante turma.

1.3. Condições Locais e da Relação Educativa

1.3.1. Caracterização da Escola

A Escola Secundária da Lousã, é uma escola de 3º ciclo e ensino secundário, profissional, sendo que é sede de agrupamento, situando-se na Rua Dr. António Henriques.

A Escola tem várias instalações para a prática desportiva tais como: (i) o pavilhão gimnodesportivo, que se encontra regularmente dividido em 3 espaços para que seja possível decorrer 3 aulas, simultaneamente, dentro do pavilhão, sendo que cada um destes espaços possui marcações de campo reduzido de futsal, andebol, basquetebol e voleibol; (ii) e o campo polidesportivo exterior, com marcações de voleibol, futsal e andebol no campo principal. O estabelecimento educativo dispõe, também, de marcações de campos reduzidos de basquetebol, existindo ainda uma caixa de saltos. A escola ainda utiliza espaços municipais, como: (iii) a Piscina Municipal da Lousã, localizada ao lado da ESL; (iv) e o campo de futebol 7 da Escola Básica nº2 da Lousã, localizado, também, ao lado da ESL.

Neste sentido, verifica-se que a ESL possui materiais específicos para as modalidades existentes, o que vai proporcionar a prática dessas atividades desportivas, de forma simultânea, fazendo com que os alunos tenham condições essenciais para realizar as aulas de Educação Física.

1.3.2. Caracterização do grupo de Educação Física

O grupo de Educação Física é direcionado pelo regimento do agrupamento das escolas da Lousã.

Este grupo é constituído por 15 professores, entre esses, 4 são estagiários pertencentes ao meu núcleo de estágio.

Neste agrupamento, trabalham, ainda, 7 grupos inseridos no programa do Desporto Escolar, autorizando a competição nos seguintes grupos: Atletismo, Basquetebol, Futsal, Natação, Ténis de Mesa, Voleibol e Xadrez.

O grupo de Educação Física tem a responsabilidade de lecionar as disciplinas que vão participar no Desporto Escolar.

Durante o Estágio, na escola da Lousã, tive sempre uma boa relação com todos os professores, com os funcionários da escola, mantendo sempre uma boa relação de amizade, entajuda e, essencialmente, um bom clima no dia-a-dia.

1.3.3. Caracterização da Turma

No que diz respeito à caracterização da turma, fiquei com a turma do 9ºD, e obtive informação acerca das características dos alunos na primeira reunião de estágio com o professor orientador.

Para avaliar as características dos alunos, foi realizado um questionário, fornecido aos alunos na 1ª aula, e, assim, consegui obter as variadas informações acerca de cada um, para que conseguisse começar a fazer o planeamento das aulas em função da necessidade e capacidades dos alunos.

A turma é composta por 20 alunos, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 14 e 18 anos. Cerca de 5 alunos já chumbaram mais que uma vez.

Nesta turma, é notório o gosto pela prática desportiva, sabendo que 14 dos 20 alunos praticam desporto fora da escola, e alguns nos tempos livres, sendo que os restantes não realizam qualquer tipo de atividade física fora do contexto escolar.

Em relação às notas, a maioria dos alunos obteve 5 à disciplina, e o restante obteve 3 e 4, uns devido ao mau comportamento e outros devido à falta de empenho nas aulas, sendo estes uma minoria.

Os alunos mostravam grandes capacidades e habilidades nas modalidades coletivas, mostrando talento, empenho e criatividade. A modalidade em que a maioria da turma sentiu mais dificuldades foi na Ginástica Acrobática.

Eu e os meus alunos mantivemos uma boa relação de proximidade, com um ótimo clima e ambiente agradável. Isto fez com que os alunos tivessem mais motivação e empenho nas aulas de Educação Física, o que gerou um bom clima de aprendizagem, no processo de ensino-aprendizagem.

A turma tem variados gostos desportivos, participam vários alunos em diversas modalidades fora da escola, fator determinante no que toca ao empenho e interesse pelas modalidades lecionadas. Mas, por outro lado, existiram alunos que não revelavam qualquer gosto pela atividade física, e isso teve algumas implicações no que toca à sua prestação nas aulas, dificultando o seu sucesso.

2. ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Durante todo o ano letivo, efetuaram-se múltiplas tarefas no âmbito do Estágio Pedagógico, portanto, neste capítulo, vai ser realizada uma consideração das práticas existentes consoante, o nível do planeamento, intervenção pedagógica e avaliação.

O núcleo de estágio, para além destas tarefas, conseguiu desenvolver, com ótima prestação, duas atividades, tais como, ‘Desportos de Combate e Defesa Pessoal’ e ‘Atividades *Outdoor*’, destinadas a toda a comunidade escolar. É de realçar, que todos fizemos o acompanhamento ao cargo de direção de turma, e ainda ajudámos em todas as atividades curriculares, como o corta-mato e o torneio das duplas de vólei.

2.1. Planeamento

2.1.1. Plano anual

Segundo Bento (2003) Pág. 16, “A elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo”.

O plano anual é desenvolvido com o intuito de auxiliar o professor ao longo do ano letivo, no processo de ensino-aprendizagem, e, por isso, o plano tem de ser elaborado através do PNEF.

Depois de fazer a realização do plano anual, sabendo as características da turma e devidas limitações, o docente vai delinear e planear as aulas consoante a especificidade da turma em questão.

Para além disto, o professor tem sempre de ver o horário das suas aulas e ver o espaço que tem disponível, sendo que, para tal, existe o mapa de rotações da escola e também tem que consultar o inventário da escola, para entender qual o material necessário que vai usar nas aulas em cada modalidade.

A intervenção pedagógica e o processo de ensino-aprendizagem vão correr da maneira mais propícia, porque foi concretizado um bom planeamento das aulas e, ainda, foram esclarecidos os passos da sequência lógica de cada matéria a ser abordada.

O docente, para conseguir garantir um ensino eficiente e correto, deve ouvir as críticas construtivas que lhe são dirigidas, de modo a que aprenda com os seus próprios erros. Assim, o professor vai analisar o que correu mal, consoante as opiniões dos colegas estagiários e do professor orientador, e, de seguida, vai adotar novas estratégias e fazer novos reajustamentos, se necessário, para conseguir alcançar os objetivos previamente delineados, fazendo com que os alunos alcancem o sucesso escolar na disciplina.

No plano anual deve constar: (i) a análise da escola, da turma e do meio envolvente, (ii) e um inventário com todo o material disponível na escola, para o uso nas aulas. Ao fazer a caracterização da turma, consegui perceber quais os alunos mais desconcentrados, entender quais as qualidades e defeitos da turma para conseguir planear as aulas devidamente.

Aqui vão ser elaboradas as estratégias que o docente vai utilizar em todas as modalidades, através das quais vai ser possível perceber como a turma se comporta, e compreender a maneira mais eficiente de lidar com a mesma. O professor ainda espera alcançar determinados objetivos em relação aos seguintes domínios: Cognitivo, Psico-motor e Sócio afetivo.

As matérias que o docente vai abordar durante o ano letivo estão previamente definidas pelo grupo disciplinar da escola, pois a ESL tem um sistema, em que permite que todos os anos os alunos abordem sempre modalidades novas.

No que toca aos recursos, materiais e espaciais, na minha opinião, estes são de imensa quantidade e qualidade, tendo em conta o estado do material, que é irrepreensível, e isto demonstra que a escola tem condições admiráveis para a prática de atividade física nas aulas de Educação Física.

Relativamente à avaliação, em todas as modalidades, foi feita uma avaliação inicial para apurar as principais dificuldades e lacunas a colmatar dos alunos, para que o docente conseguisse melhorar os principais erros na lecionação das matérias. De seguida, eram estabelecidos os objetivos, estratégias e conteúdos que iriam ser utilizados. Na avaliação formativa, foi preenchida uma grelha, em que estava presente o empenho e o comportamento

dos alunos. Na avaliação sumativa, o professor conseguiu entender se os alunos foram capazes de suprimir os erros e alcançar o sucesso nas várias modalidades.

2.1.2. Unidades didáticas

De acordo com Bento (2003) Pág. 75, “ as unidades didáticas são partes integrantes de uma disciplina, pois constituem-se unidades integrais do processo pedagógico e apresentam ao professor e aos alunos etapas bem distintas do processo ensino-aprendizagem.”

As Unidades Didáticas são documentos que fazem uma previsão dos passos, pelos quais o docente tem de se guiar na aplicação das matérias ao longo do ano. Sendo assim, o professor tem de abordar os conteúdos que vão ser lecionados, os objetivos específicos e as estratégias que vão ser adotadas em cada modalidade. É de salientar, que esses documentos pode sofrer reajustamentos a qualquer momento.

Recordando, novamente, Bento (2003) Pág. 60, “ o conteúdo e a estruturação das unidades didáticas são determinados pelos objetivos, indicações de matéria e linhas metodológicas dos programas e do plano anual, procurando garantir a sequência lógica e metodológica da matéria e organizar atividades do professor e dos alunos, regulando e orientando a ação pedagógica ao conferir às diferentes aulas um contributo claro para o desenvolvimento dos alunos.”

O docente deve elaborar a unidade didática, previamente, escolhendo os conteúdos que vão utilizar, assim como os aspetos que vai usar na avaliação. Este documento deve ser sequência lógica das matérias, para que as aulas decorram de acordo com as expetativas dos alunos e do professor, e, assim, o professor consegue fazer a sua intervenção pedagógica de acordo com o desenvolvimento e progresso dos alunos ao longo das aulas.

As unidades didáticas abordadas ao longo do ano letivo com a turma do 9ºD foram: Andebol, Badminton, Futsal, Natação, Tag Rugby e Ginástica Acrobática.

Uma unidade didática deve reger-se pelos seguintes passos: breve história da modalidade, conteúdos técnico-táticos, recursos disponíveis da escola, estabelecer a avaliação, definição de objetivos e estratégias no processo de ensino, relatório da avaliação inicial e final, extensão e sequência de conteúdos, progressões pedagógicas, balanço da unidade didática, conclusão, bibliografia e respetivos anexos.

A elaboração desta unidade didática foi apoiada pelo PNEF, tendo em consideração o nível dos alunos, e os resultados da avaliação diagnóstica dos mesmos.

Depois dos objetivos estarem estabelecidos, vai ser feita a sequência e extensão de conteúdos, na qual se abordam todos os conteúdos que vão ser lecionados, sendo depois feita uma atribuição de cada objetivo a uma função didática, tais como introdução, exercitação, consolidação e avaliação.

Neste contexto, realçam-se as progressões pedagógicas que o docente vai realizar nas suas aulas, com o objetivo de gerar novas situações de aprendizagem, fazendo com que o aluno obtenha a evolução esperada.

Uma das minhas maiores arduidades no estágio foi tem que ver com a questão do planeamento de alguns exercícios para turma, pois esta apresentava grandes capacidades na maioria das modalidades num grupo de nível elementar, e, por isso, tive de fazer adaptações nas aulas, para que esta se tornasse mais dinâmica e permitisse criar mais obstáculos aos alunos, para que estes conseguissem evoluir devidamente.

Na ginástica acrobática, senti muitas dificuldades ao início, pois era uma matéria em que não me sentia muito à vontade, e, por isso, tive de pesquisar e desenvolver os meus conhecimentos, para que o planeamento e o estabelecimento dos objetivos fosse o mais adequado à turma. Neste aspeto, o meu professor orientador ajudou-me imenso, fornecendo-me material de apoio, o que facilitou todo o processo de ensino.

Na unidade didática, existe também um capítulo relativo à avaliação. A avaliação é uma ação constante, contínua e imprescindível no ensino. Esta faz com que o docente consiga apurar o nível dos alunos ao longo do ano. Portanto, em cada matéria, é importante existir o planeamento de 3 momentos de avaliação, que são: avaliação diagnóstica, formativa e sumativa.

2.1.3. Planos de aula

Concordando com Lewy (1979), “ O plano deve igualmente identificar uma gama de ações de acompanhamento com incidência nos recursos disponíveis e a disponibilizar, na sensibilização e motivação dos intervenientes, na circulação da informação e, finalmente na retroação, ajustamentos e inflexões no processo”.

O plano de aula (ver anexos), tem de estar em sintonia com o plano anual e com as respetivas unidades didáticas, pois no plano de aula estão os conteúdos a abordar, os objetivos da aula, as tarefas didáticas, as estratégias que o docente vai executar nas aulas, a organização da aula, com as componentes críticas, os critérios de êxito, e, também, deve constar alguns ajustamentos que o professor tenha de realizar, para que consiga fazer as melhores adaptações possíveis e necessárias.

De seguida, o plano de aula e a posterior reflexão são tarefas feitas em conjunto com o núcleo de estágio e com o professor orientador da escola, para perceber se os objetivos da aula estão de acordo com os exercícios utilizados. Há que entender se o planeamento do professor vai de encontro ao nível dos alunos e perceber também se as estratégias adotadas estão a ter resultados positivos na aula, no que toca à organização da turma nos momentos de transição entre os exercícios.

A aula está repartida em 3 partes que são: inicial, fundamental e final. Na parte inicial, é o momento em que os alunos chegam e se vão equipar nos balneários, juntando-se, de seguida, ao professor, que faz o controlo de presenças, prosseguindo com a ativação geral da aula. Na parte fundamental, decorre a ação em função dos objetivos e conteúdos que vão ser abordados, através da função didática. O professor explica os exercícios da aula, com as progressões pedagógicas, tendo a capacidade de ajudar sempre os alunos, corrigindo os erros e fornecendo o *feedback* correto, no momento mais propício da aula. Na parte final, o professor faz uma breve reflexão com os alunos de como correu a aula, o que poderá ser melhorado, os erros a corrigir, tirar algumas dúvidas e, de seguida, efetuar os alongamentos.

Após o término da aula, será feita uma reflexão com o núcleo de estágio e com o professor orientador, em que cada um vai colocar críticas construtivas e oportunidades de melhoria, para que o docente consiga perceber as falhas e colmatar as mesmas nas aulas seguintes. Este, no final disto, deve fazer uma autorreflexão, para perceber as suas falhas, percebendo em que pode melhorar a sua prestação, postura e *feedback* nas aulas.

Antes do início de cada aula, o professor orientador analisava os planos e dava o seu *feedback*, para podermos melhorar alguns aspetos e corrigir certos exercícios que não eram apropriados e/ou motivadores. O orientador sempre confiou em nós e deu-nos liberdade para aplicarmos todos os exercícios e estratégias nas aulas, desde que fossem adequados à turma e à modalidade em questão.

Os planos de aula efetuados, por mim, foram sempre revistos pelo professor orientador e cumpriam sempre as normas exigidas para que fosse um bom plano de aula, tais como: cabeçalho com o nome do professor, ano letivo, horário, turma, data, função da unidade didática, o número de aulas da unidade didática, o espaço, período, e os recursos materiais necessários. No final do plano, existia uma fundamentação da aula, e vários pontos de reflexão da mesma, tais como: instrução, gestão da aula, clima, disciplina, decisões de ajustamento, aspetos positivos mais salientes, e oportunidades de melhoria.

2.2. Intervenção Pedagógica

2.2.1. Instrução

Segundo Aranha (2007), “ a dimensão instrução engloba os comportamentos e as destrezas de intervenção pedagógica do professor para informação substantiva.”

No princípio, revelei algumas dificuldades em expressar-me e a explicar certos exercícios, pois ainda não havia rotinas estabelecidas com a turma. Por diversas situações, tive de parar os exercícios, pois os alunos não estavam a entender e realizavam o que não foi pedido, portanto expliquei de novo, com mais calma, sendo a realização dos exercícios bem-sucedida.

Consegui, na maior parte das vezes, usar a instrução gastando pouco tempo de aula, o que mostra um grande à vontade na lecionação das matérias, mas, por vezes, não me expressava da melhor maneira, o que se refletiu nos exercícios, pois os alunos não retinham a informação necessária. Com o tempo já tinha mais calma e era mais ponderado, usando uma linguagem mais apropriada e eficaz.

Tive mais complicações em fornecer *feedback* correto nas modalidades coletivas, pois no início era muito ansioso e apressado, o que prejudicou a transmissão do *feedback* aos alunos.

Ao usar o MED, o Modelo de Educação Desportiva, nas aulas, consegui, por vezes, que os alunos apitassem os jogos coletivos e, assim, eu tinha mais tempo para pensar e delinear qual o *feedback* correto a ser empregue, e tentar compreender qual seria o melhor momento para o fornecer.

Nas modalidades individuais foi bastante mais fácil fornecer o *feedback*, porque na aula os alunos estavam divididos por grupos, e, assim, tornou-se uma tarefa mais fácil para retificar os erros e fazer progredir os alunos, compreendendo os passos que estavam a efetuar de maneira errada, pois, como eram grupos, percebiam melhor o *feedback*, devido a despendem algum tempo para esclarecer o que era ambicionado por cada grupo de nível.

O mais importante da minha instrução nas aulas foi ter tido consciência das críticas construtivas, que me foram feitas, e das oportunidades de melhoria do núcleo de estágio e do professor orientador.

A opinião deles foi fulcral e fez-me compreender que tinha de ser mais calmo e cuidadoso, pois, por vezes, falava sem pensar, devido a ser impulsivo, e fizeram-me ver que tinha de ser mais controlado e prudente nas minhas palavras, para que os alunos conseguissem assimilar os meus *feedbacks*.

Em suma, com o tempo e com as opiniões dos meus colegas, consegui evoluir bastante, sendo um docente mais calmo e sensato, no que toca a fornecer o *feedback* com uma linguagem conveniente aos alunos, para estes tivessem a consequente evolução.

2.2.2. Gestão

De acordo Siedentop (1983), “a gestão eficaz de uma aula consiste num comportamento do professor que produza elevados índices de envolvimento com os alunos nas atividades da aula, um número reduzido de comportamentos dos alunos que interfiram com o trabalho do professor, ou de outros alunos, e um uso eficaz do tempo de aula.”

Ao nível da gestão, o professor orientador explicou-nos e deu-nos sugestões de algumas rotinas importantes a ter com cada turma, com o objetivo de diminuir o tempo das transições entre os exercícios e aumentar o tempo de atividade física nas aulas.

Neste ponto, é essencial criar rotinas nas aulas, para que funcionem da melhor forma e sejam bastante organizadas, fazendo com que o tempo de prática dos alunos seja elevado, assim como a densidade motora. Com isto, os alunos revelam um empenho e uma taxa de concentração elevada, não permitindo quaisquer comportamentos de desvio.

Tentei sempre realizar exercícios dinâmicos, que permitissem aos alunos estar em constante atividade, prevenindo os chamados ‘tempos mortos’, dando dinâmica e intensidade nas aulas.

Para a aula ter uma gestão eficaz, é fundamental o professor ser pontual e fazer a montagem dos exercícios e matérias antes de a aula começar, para conseguir poupar tempo com a montagem e assim dar mais tempo de prática de atividade física aos alunos.

Para a gestão da aula ser bem executada, o professor deve realizar um bom planeamento e também deve tentar manter sempre as rotinas similares nas aulas, que é para os alunos não dispersarem, logo se tem uma boa organização, os alunos vão se ambientar mais rapidamente e conseguem processar o que tem de realizar.

Na gestão, houve algumas aulas em que senti variadas adversidades em gerir o tempo de execução dos exercícios, mas isto resultou de eu querer que os alunos cumprissem todo o tempo do exercício, que era para assimilarem devidamente os conteúdos, e os colocarem em prática na parte final. Também revelei lacunas, na medida em que quando faltavam alunos, era preciso reajustar os exercícios, o que me deixava nervoso e, por vezes, demorava mais tempo a encontrar a melhor solução, mas com o tempo fui-me colocando mais à vontade e consegui ultrapassar essa fase.

2.2.3. Clima de aula / Disciplina

Inicialmente, na apresentação aos alunos antes da 1ª aula, tive uma conversa com eles, em que estabeleci as regras e os comportamentos que deviam ser adotados, e apresentei as minhas ideias, em que informei explicitamente as regras que eram para serem cumpridas, quem as excedesse, iria ser penalizado, tendo em conta a gravidade da situação em causa.

Retomando Siedentop (1983), “ a dimensão clima se baseia nos procedimentos relacionados com a promoção de um ambiente positivo e que este propicia uma melhoria do processo ensino-aprendizagem, uma vez que se os alunos estiverem envolvidos num clima de aula favorável, estarão mais motivados e predispostos para a prática motora.”

Nas minhas aulas, tentei, ao máximo, que houvesse um bom clima de aprendizagem, para que esta corresse de forma propícia e espontânea, uma vez que motivados os alunos, as aulas seriam mais dinâmica e correriam da melhor maneira possível, havendo interesse e grande densidade motora.

Relembrando Siedentop afirma que “ mais do que intervir sobre o comportamento inapropriado é preciso desenvolver os tipos de comportamentos adequados e prevenir os distúrbios.”

Assim, nas minhas aulas procurei sempre definir as rotinas e estratégias implementadas, para conseguir que os alunos fizessem os exercícios de maneira adequada e sem comportamentos desviantes, sendo que tentei não demorar muito nas transições dos exercícios, colocando, a maioria das vezes, os alunos em constante atividade física.

Em relação ao planeamento das aulas, instrução e gestão, estes são a base para que a disciplina nas aulas seja bem gerida, para motivar os alunos, dando reforços positivos, para que eles percebam que o professor está atento à sua evolução.

Por fim, para descontraír no final das aulas, muitas vezes, fiz alguns jogos lúdicos para ajudar ainda mais a manter o bom clima de aprendizagem na turma.

2.2.4. Decisões de ajustamento

A reflexão das minhas decisões tomadas nas aulas vai aprimorar a minha prática pedagógica assim como a minha intervenção, pois ao longo do tempo e com as críticas construtivas do núcleo de estágio e do professor orientador, fui-me apercebendo que tomei boas e más decisões.

Relativamente às aulas, tive necessidade de fazer alguns ajustes nas modalidades de andebol e futebol, devido ao elevado nível de prática, por parte da maioria dos alunos. Portanto, planeei as aulas seguintes com mais critério e rigor, havendo exercícios mais complexos e dinâmicos, que criassem obstáculos aos alunos, e os mesmos tinham de os conseguir superar com mais adversidades.

Em algumas aulas, tive de tomar decisões de ajustamentos em determinados exercícios, pois não havia intensidade e dinâmica que era pretendida e, por isso, tive a necessidade de alterá-los, para criar intensidade e também tentar cativar os alunos para a prática de atividade física. Por vezes, tonava-se complicado, pois alguns vinham sem vontade ou interesse, e tinha de chamar à atenção e ter uma conversa com eles, para que entendessem a importância da aula.

Também tive de reajustar os grupos em alguns casos, devido à diferenciação dos alunos, a falta de alunos, e, também, separar alunos para evitar alguns comportamentos indesejados.

Na lecionação, nas poucas aulas em que tive pouco espaço, devido às condições climatéricas, foi complicado pôr em atividade muitos alunos, por isso tive que adaptar certos exercícios consoante o espaço disponível, mas sabendo que nem sempre foi bem conseguido.

Nas minhas primeiras aulas, tive muitas dificuldades em realizar as decisões de ajustamento, por vezes demorava algum tempo a tomá-las, devido ainda à falta de experiência e também gerado pelo nervosismo, o que prejudicou a minha prestação, inicialmente. Contudo, com o decorrer do ano fui ganhando à vontade e alguma maturidade para conseguir tomar decisões de forma espontânea.

2.3. Avaliação das aprendizagens

A avaliação é um processo complicado, que recai necessariamente sobre comportamentos reais relativos à obtenção dos objetivos do processo de ensino realizado. Deste modo, a avaliação deve centrar-se no que se definiu como fundamental. Esta implica uma análise cuidada dos objetivos acertados face aos que haviam sido planeados, permitindo saber quais os que levantaram mais dificuldades aos alunos, os que temos de dar mais ênfase, quais os objetivos a alcançar.

É, deste modo, essencial definir a forma de gerir a avaliação. Esta constitui um processo global, que envolve 3 fases com características e objetivos muito específicos: Avaliação Inicial, Diagnóstica e Sumativa.

2.3.1. Avaliação Inicial

A Avaliação Diagnóstica tem como principal objetivo apurar as lacunas dos alunos e efetuar uma antevisão do progresso das suas habilidades, ou seja, perceber se as aprendizagens anteriores foram alcançadas e verificar se a turma está pronta para estabelecer e alcançar os novos objetivos previamente delineados. (ver anexos)

Esta avaliação é realizada na 1ª aula de cada unidade didática, através de uma grelha de observação que permite percecioner os objetivos a atingir em concordância com os conteúdos estabelecidos para a modalidade.

Esta avaliação consiste em identificar os alunos que precisam de mais acompanhamento, das matérias que têm mais dificuldades e perceber as capacidades motoras dos alunos com mais dificuldades.

Estes momentos da avaliação podem ser cruciais para que o professor consiga perceber os erros mais frequentes e as barreiras que os alunos vão ter de transpor para chegar ao sucesso esperado.

Nas avaliações iniciais em todas as modalidades, tentei sempre separar por grupos, quando foi estritamente necessário, mas só efetuei separação por grupos de nível no badminton e na natação, pois eram as modalidades em que metade dos alunos apresentava algumas dificuldades em termos técnicos.

Nas restantes modalidades, a turma era maioritariamente similar no que toca ao tipo de nível, e, assim, consegui potenciar as habilidades motoras dos alunos, promovendo competitividade e intensidade nas aulas corrigindo os erros e aprimorando assim o processo de ensino-aprendizagem.

2.3.2. Avaliação Formativa

A avaliação formativa é realizada durante o decurso de cada unidade didática, na qual o professor recolhe dos alunos todas as informações que entender necessárias, informando-os do seu desempenho psicomotor, cognitivo e sócio afetivo. Permite, igualmente, determinar o processo de aprendizagem, quanto aos objetivos pré-estabelecidos e identificar as principais causas e dificuldades. Permite-nos acompanhar todo o processo de ensino-aprendizagem, fazendo os ajustes que entendermos necessários, quer ao nível dos conteúdos, quer ao nível dos objetivos.

Esta avaliação não tem de ser, exclusivamente, para o domínio cognitivo e sócio afetivo, mas sim para todos eles. Uma avaliação formativa pontual também pode servir para mobilizar informação, contribuindo para a recomposição de uma melhor avaliação sumativa. Esta, ao serviço da aprendizagem, serve para envolver os alunos no seu processo de aprendizagem, que os leva a participar, e a entender o processo em que estão envolvidos.

2.3.3. Avaliação Sumativa Final

A avaliação sumativa refere-se a um final de processo, quando uma unidade didática estiver terminada e os conteúdos lecionados estejam consolidados, fazendo uma avaliação para apurar o nível dos alunos, se houve ou não evoluções significativas. Assim, pretendemos saber se os objetivos previamente delineados foram atingidos e se os alunos atingiram o sucesso escolar.

Esta avaliação vai ser realizada na última aula de cada unidade didática, com o intuito de conseguir verificar e comparar a evolução do aluno desde a avaliação inicial até àquele momento. O registo desta avaliação terá ainda o cuidado de se fazer acompanhar de todos os registos feitos na avaliação formativa.

Esta avaliação é definida através dos critérios de avaliação que a escola determina, e a escala de classificação vai de 1 a 5.

2.4. Percurso global

Durante o estágio, observámos as aulas dos professores estagiários e do professor orientador, tendo sido uma boa experiência, pois cada professor tem as suas ideias e metodologias, que, por vezes, podemos utilizar nas nossas aulas e, também, ao mesmo tempo, podemos tirar ideias das aulas dos outros estagiários.

As reflexões feitas por todo o núcleo de estágio e pelo professor orientador serviram para o nosso trajeto, para conseguirmos perceber o que está errado e fazer o melhor possível, conseguindo transpor as barreiras. É de realçar, a amizade e a entajuda que houve ao longo do ano entre os estagiários e o professor orientador.

Desenvolvemos, durante o ano letivo, um projeto de assessoria ao cargo do diretor de turma, em que fizemos o acompanhamento do DT em todas reuniões de turma, recebemos os encarregados de educação e, ainda, conseguimos entender como desempenhar no futuro as funções do cargo de diretor de turma, que nos esclareceu todas as dúvidas e nos mostrou um caminho a seguir.

Ainda tivemos de planear e organizar 2 atividades desportivas na escola, em que o objetivo era promover a atividade física para toda a comunidade escolar, e proporcionar novas vivências e experiências aos alunos, professores e funcionários.

A 1ª atividade foi uma ação de formação de ‘Desportos de Combate e Defesa Pessoal’, atividade nova e desafiante para todos, sendo importante a transmissão das técnicas básicas. A atividade teve uma boa adesão e correu muito bem, tendo-se criado um bom clima de aprendizagem.

A 2ª atividade foi ‘Atividades *Outdoor*’, em que se fez uma caminhada até ao Burgo da Lousã, onde, na chegada, organizámos atividades lúdicas, para proporcionar aos alunos um dia singular, interagindo com as outras turmas da escola. As condições meteorológicas não foram as mais favoráveis, mas, mesmo assim, os alunos mostraram muita vontade e determinação em realizar a atividade. Esta atividade teve de ser autorizada pelos pais e pelo diretor da escola. Tivemos sempre asseguradas as condições de segurança durante toda a atividade.

Em suma, os pontos-chave foram o planejamento e a organização dos projetos de forma independente e criativa, levando a que existisse uma sensação de alegria e de dever cumprido em cada atividade e projeto realizado.

3. APROFUNDAMENTO DE TEMA-PROBLEMA: *FEEDBACK* PEDAGÓGICO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELAÇÃO COM A FREQUÊNCIA DE INTERVENÇÃO, DIREÇÃO E CONTEÚDO.

3.1. Nota Introdutória

A minha opção do tema-problema surgiu ao entender que detenho algumas falhas na transmissão do *feedback* pedagógico, e assim, tenciono com este estudo, através da experiência que adquiri, colmatar as minhas dificuldades da maneira mais correta e adequada.

No meu ponto de vista, o *feedback* nas aulas de educação física é o meu maior problema, e é nestas situações que sinto mais dificuldades na lecionação. Portanto, há que melhorar e aprender com erros, corrigir e intervir devidamente, para que tanto o professor, como os alunos tenham sucesso e atinjam os objetivos propostos.

Penso que é um tema bastante pertinente de analisar, pois vai permitir perceber se o professor e os alunos revelaram complicações na transmissão e retenção do *feedback*.

Por isso, decidi fazer um estudo para conseguir entender qual os meus maiores problemas na transmissão do *feedback*, e para ultrapassar estas barreiras existentes no meu caminho.

3.2. Enquadramento Teórico

De acordo com Sarmento (2003), o *feedback* é uma comunicação de regresso em serviço de uma conduta analisada.

Perante esta ideia, McGOWN (1991) defende que a primordial ocupação da comunicação de *feedback* é a de autorizar ao aluno calcular a resposta facultada, concebendo uma estrutura de modelo para que o aluno possa aprimorar falhas e conseguir corrigi-las.

Noutra perspetiva, o conceito de *feedback* pedagógico, pode ser entendido, segundo Piéron (1986) como uma conexão individualizada entre docente e aluno com início na contribuição e nas atividades nas quais o aluno está dedicado.

Concordando com PÉREZ e BAÑUELOS (1997), existem alguns motivos para o fornecimento de *feedback* aos atletas:

- deficiente significado por parte do atleta da comunicação sobre a execução da atividade que efetua;
- ausência de atenção seletiva aos estímulos que vêm a simplificar a atuação e o devido autodomínio da concretização da mesma;
- falta de conhecimento essencial sobre certos aspetos de cumprimento árduos ou impraticáveis de alcançar por si próprio;

É fulcral que o professor consiga perceber quais são as maiores deficiências e necessidades dos alunos para fornecer o *feedback* adequado ao momento, e, assim, de modo, a que o aluno melhore o seu desempenho.

Assim, é indispensável transferir informações sobre certos aspetos que o praticante não pode alcançar por si mesmo, percebendo que neste domínio a competência educativa e experiência do treinador. (PÉREZ; BAÑUELOS, 1997).

É através da comunicação que transmitimos a matéria, aos alunos, e os objetivos que vamos cumprir na aula. Se não tivermos o controlo total, vamos encontrar imensos obstáculos no processo de ensino-aprendizagem, o que irá causar dificuldades na lecionação, e vai fazer com que os alunos não retenham corretamente a matéria.

Conforme Rosado e Mesquita (2011), dizem que após o cumprimento de uma tarefa motora de um aluno, deve-se a que a sua performance seja aperfeiçoado, acolher um leque de informações acerca da maneira de como concretizou a ação.

Para haver sucesso na aprendizagem, deve-se identificar o que é fundamental e necessário. Em habilidades motoras é importante que a informação ajude o aluno a realizar determinados acertos antes de praticar, repetidamente, a habilidade. Se o discente executar os tipos apropriados de correções, na "quantidade" correta, as suas respostas se tornarão totalmente regulares e corretas. A informação acerca de uma resposta torna-se essencial para o praticante (MAGILL, 1984).

Para Sarmiento, Leça de Veiga, Rosado, Rodrigues e Ferreira (1998) o *feedback* é um comportamento de ensino do professor que pode ser definido como toda a reação verbal ou não verbal do professor à prestação motora dos alunos, com o objetivo de o interrogar sobre o que fez e como fez e/ou de avaliar, descrever ou corrigir a sua prestação.

Para SCHMIDT (1993), propõe que a atenção esteja focada, nas carências do aluno no padrão essencial da movimentação. Portanto, deve-se centralizar em no máximo duas origens de *feedback* de cada vez para precaver o sobrecarga no processamento de conhecimento e nas aptidões de recordação do aluno.

Devem ser desenvolvidas palavras-chaves e frases para apresentar o *feedback*, evitando, assim, a necessidade de dar longas explicações sobre as correções necessárias, tornando-o, desta maneira, mais objetivo.

O professor deve dar alguns reforços positivos e *feedback* prescritivo, para conseguir evitar de estar a explicar, durante muito tempo, as componentes críticas. Portanto, o professor deve ser objetivo e concreto, apresentando apenas a informação relevante, para que o aluno consiga assimilar rapidamente e de forma concisa.

Segundo McGOWN (1991), uma maneira bastante eficiente de *feedback* era a demonstração enfatizada dos pontos fortes com as palavras certas, sendo hábil de qualificar o essencial da realização da tarefa motora, que tem, pelo menos, quatro funções muito relevantes a desempenhar:

- reunir informação;
- diminuir a quantidade de palavras, reduzindo as imposições erguidas ao processamento da comunicação;
- salientar a atenção do mesmo na informação mais significativa;
- auxiliar a memória.

O professor tem de dar o *feedback* certo e apropriado, não importa o número de vezes que dá, a melhor forma de o fazer é dando em pouca quantidade e com muita qualidade, para que o aluno consiga perceber os erros e melhorar na próxima vez.

Recordando SCHMIDT (1993), insinua que a atenção seja evidenciada, nas insuficiências do aluno no modelo elementar do movimento. O melhor feedback a ser exposto deve estar alistado com os aspetos do padrão motor mais relevantes para o êxito no cumprimento da movimentação. Os aspetos menos criticantes devem ser enfatizados quando o praticante estiver alisando as suas competências. Precisam ser ampliadas frases para ostentar o *feedback*, escapando da privação de dar extensos esclarecimentos sobre as correções essenciais, ficando mais objetivo.

Em suma, o objetivo deste estudo é compreender se existem diferenças significativas nas variáveis direção e frequência de intervenção nas modalidades coletivas e individuais, percebendo assim em qual dos grupos o professor estagiário empregou melhor e oportunamente o feedback.

3.3. Objetivos

Objetivo geral:

- O principal objetivo deste projeto é perceber as diferenças de transmissão de *feedback* numa modalidade coletiva e individual nas aulas de Educação Física, quanto à direção e frequência de intervenção, sabendo exatamente o momento certo para o dar, da maneira mais correta e oportuna.

Questões de pesquisa:

- Comparar em ambas as modalidades o número de intervenções nas 4 aulas;
- Conferir o *feedback* em ambas as modalidades, no que diz respeito à direção e à frequência de intervenção;
- Perceber qual a modalidade que teve mais *feedback* em relação à direção (individual e grupo) e frequência de intervenção no fornecimento de *feedback* nas aulas de Educação Física;
- Comparar e explicar quais os melhores resultados obtidos, se o *feedback* foi bem empregue nas modalidades coletivas ou nas individuais.

3.4 – Metodologia

3.4.1. Amostra

A amostra foi constituída por alunos da Escola Secundária da Lousã, do 9º ano, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos.

O projeto de investigação-ação tem como objetivo fazer uma investigação, e, ao mesmo tempo, efetuar melhorias, quer no desempenho dos professores e como na performance dos alunos.

As modalidades escolhidas para fazer este estudo foram: Futsal, Natação, Tag Rugby e Ginástica Acrobática. As aulas realizaram-se no pavilhão, nas piscinas e no espaço exterior da Escola Secundária da Lousã.

3.4.2- Variáveis em estudo

As variáveis que vou utilizar para analisar o feedback pedagógico nas aulas de Educação Física são a direção e a frequência de intervenção. Estas vão permitir compreender os resultados e constatar onde obtive melhor prestação em ambas as modalidades coletivas e individuais.

3.4.3- Instrumentos

Para este estudo ser possível foi usada a Ficha de Observação do Feedback Pedagógico, (ver anexos).

Esta ficha foi-me facultada pelo Professor Doutor Miguel Fachada no 1º Ano do MEEFEBS na cadeira de Didática da Educação Física.

Esta serviu como instrumento para o meu estudo, onde não seria possível de realizar senão fosse a ajuda do professor estagiário Nuno Domingues, que apontou todos os meus feedbacks na ficha de observação do FB nas aulas de cada modalidade, sendo assim uma ajuda preciosa neste estudo.

3.4.4. Procedimentos

Este projeto decorreu consoante as seguintes etapas:

- 1ª: Ficha de registo descritivo de observação do *feedback* durante as 4 aulas estipuladas para cada modalidade;
- 2ª: Observação dos problemas e definição das medidas necessárias de intervenção;
- 3ª: Uso das medidas de intervenção;
- 4ª: Comparação dos resultados do *feedback* nas modalidades coletivas e individuais; realização duma reflexão, para entender se houve evolução.

3.4.5- Análise/Tratamento estatístico:

A análise estatística dos dados foi efetuada pelo IBM SPSS, versão 25, através de um teste não paramétrico, que foi o “*Test Wilcoxon*”. De seguida foi construída uma base de dados, onde os dados foram recolhidos e tratados numa escala de classificação de 0 a 10, para que fossem mais facilmente convertíveis em valores percentuais. Fez-se uma análise comparativa em que se usou o “*Test Wilcoxon*”, para averiguar a presença de diferenças significativas nas variáveis definidas para ambas as modalidades nos grupos coletivo e individual.

Esta base foi preenchida por 2 grupos, modalidades coletivas e individuais, em que tinham as variáveis do estudo. Calculou-se a média e o desvio-padrão para as modalidades coletivas e individuais, em relação às variáveis definidas.

Em suma, fez-se um balanço através das variáveis, que consistia em identificar qual foi o grupo de modalidades em que o professor conseguiu melhorar a correta transmissão de *feedback* aos alunos.

3.5. Resultados

De seguida, vão ser apresentadas as tabelas para os 2 grupos, modalidades individuais e coletivas, através das variáveis, direção e frequência de intervenção.

Grupo Coletivo

Tabela 1: Desportos Coletivos – Frequência de Intervenção

	Futsal	Tag Rugby
N Válido	20	20
Omisso	0	0
Mediana	7,5000	3,5000
Média	7,3500	3,3500
Desvio Padrão	,93330	1,26803
Intervalo de confiança	5%	5%

Na tabela 1, nos desportos coletivos, na variável frequência de intervenção, podemos verificar que a média da variável no futsal é de 7,3500 e no Tag é de 3.3500, notando-se, assim, uma grande diferença e uma ótima evolução nesta dimensão. A minha intervenção pedagógica diminuiu para menos de metade, consoante os dados analisados, pois percebi o momento certo para dar o *feedback*, e fornecê-lo de forma clara e concisa, para que o aluno consiga aprender. No futsal fui demasiado interventivo, não dando poder de decisão aos alunos, e isso fez com que os resultados não fossem os esperados. O meu professor orientador e o núcleo de estágio avisaram-me sobre este aspeto, pois, a uma certa altura, os alunos já não ouviam o que o professor dizia, e não respondiam ao estímulo, ou seja, o meu *feedback* deixou de fazer o efeito esperado.

Por outro lado, na modalidade do Tag, no 2º período, foi completamente diferente, pois, felizmente, aprendi com os erros, e dei o *feedback* que achava mais pertinente, de maneira oportuna, não maçando os alunos com informação desnecessária.

Além disso, dei-lhes a oportunidade de decisão, o que contribuiu bastante para a dinâmica e intensidade da aula, fazendo com que houvesse boa densidade motora e um bom clima de aprendizagem.

Tal como SCHMIDT (1993) defende que se deve centralizar no supremo duas princípios de *feedback* de cada vez para impedir a superabundância no processo de conhecimento e nas habilidades de memoração do aluno.

Com isto aprendi que não é necessário estar sempre a intervir, mas sim a corrigir quando os alunos cometem erros e demonstram dúvidas, fazendo com que superarem as suas adversidades. Os alunos, depois de receberem o *feedback*, têm um intervalo de processamento da informação, em que vão entender que erraram, corrigindo, assim, o erro, através da informação recebida.

A modalidade de futsal vai de encontro aos resultados obtidos por Quaterman (1977), Fink e Siedentop (1989), onde o professor por 30 minutos de aula concebia 30 a 60 *feedbacks*. Isto dava-se ao facto de os alunos de o professor debitar por vezes *feedbacks* desnecessários mas também por ter alguns alunos com muitas dificuldades a nível técnico-tático na modalidade, assim os mesmos necessitam de mais informação para melhorarem o seu desempenho.

Tabela 2: Desportos Coletivos – Direção

	Natação	Ginástica Acrobática
Individual	60	30
Grupo	165	130
Total 4 aulas	225	160
Média	11,25	8

Na tabela 2, na variável direção, demonstra uma grande diferença significativa no que toca ao *feedback* dado individualmente e em grupo. No futsal, exagerei nas intervenções, fazendo demasiadas correções aos alunos que demonstravam grandes dificuldades, dando 213 *feedbacks* individuais enquanto no Tag Rugby, a turma apresentava toda um grande nível de prática, daí a ter dados só 50 *feedbacks* individuais, uma grande melhoria no que toca à direção. No que toca ao *feedback* de grupo, no futsal dei em menor quantidade, devido à turma ter alguns alunos com bastantes dificuldades técnicas, mas já no Tag Rugby, dei mais *feedback* em grupo, 160, pois a como mencionei, a maioria dos alunos estava num bom nível de prática.

Então para Siedentop (1991), este refere que o *feedback* é especificamente orientado a um individuo e não ao grupo ou turma. Portanto na modalidade de futsal, dei mais *feedbacks* individuais do que no Tag Rugby, portanto aqui vai de encontro às ideias do autor, onde este menciona que o feedback deve ser mais individualizado no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, houve uma melhoria significativa no que toca à direção, pois consoante o tempo de prática e experiência, consegui colmatar as minhas arduidades, sendo mais calmo e ponderado nos *feedbacks* e na quantidade de vezes que intervia, percebendo-se nas diferenças das médias, que no futsal tinha 16.5 e no Tag obtive 10.5, logo houve uma boa melhoria no que toca à seletividade de *feedback* fornecido pelo professor. Consegui individualizar menos no Tag do que no Futsal, pois tentei direcionar o feedback mais à turma

Grupo Individual

Tabela 3: Desportos Individuais – Frequência de Intervenção

	Natação	Ginástica Acrobática
N Válido	20	20
Omisso	0	0
Mediana	3,5000	3,0000
Média	3,3500	2,7500
Desvio Padrão	1,56525	,71635
Intervalo de confiança	5%	5%

Na tabela 3, nas modalidades individuais, na variável frequência de intervenção, a média de natação foi de 3,3500 e na ginástica foi de 2,7500. Como referi, anteriormente, fui ganhando mais calma e consideração no momento de facultar *feedback*, e, isso, tornou-me um docente mais preciso, no que diz respeito a não ser necessário estar constantemente a intervir, mas sim a fazer com que intervenha no tempo certo e fazer que o *feedback* dado aos alunos seja absorvido de forma eficaz, fazendo o aluno corrigir o erro, para ter sucesso na tarefa.

Tabela 4: Desportos Individuais - Direção

	Futsal	Tag_Rugby
Individual	213	50
Grupo	117	160
Total 4 aulas	330	210
Média	16.5	10.5

Na tabela 4, na variável direção, ambas as modalidades têm valores idênticos, pois já nesta altura do período, era um professor muito mais calmo e refletido no que toca a transmitir a informação da maneira mais adequada a oportuna. Na natação, dei 60 *feedbacks* individuais e na ginástica, dei 30. Na natação foi necessário individualizar mais um bocado, devido a alguns não saberem nadar e ainda a não estarem adaptados ao meio aquático, o que tonou o processo de ensino mais complexo.

De seguida, o feedback de grupo também é semelhante, dando na natação 165 e na ginástica 130. Nestas modalidades dei mais em grupo, pois os alunos trabalhavam por grupos de nível e era mais fácil transmitir a informação pretendida aos diversos grupos, percebendo rapidamente o que era pretendido. Portanto, nestas modalidades individuais, trabalhando por grupos resultou muito bem, pois todos assimilaram corretamente os conhecimentos de forma concisa e eficaz, individualizando menos vezes do que nas modalidades coletivas, fazendo com que os alunos captassem de maneira eficiente a correta transmissão de conhecimento.

No *test wilcoxon*, verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos nas duas variáveis devido ao Sig ser menor que 0.05.

Tabela 5: WILCOXON TEST – FREQUÊNCIA DE INTERVENÇÃO: INDIVIDUAL VS. COLETIVO

Classificações				
		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Freq_individual - Freq_coletivo1	<i>Negative Ranks</i>	19 ^a	10,00	190,00
	<i>Positive Ranks</i>	0 ^b	,00	,00
	<i>Ties</i>	1 ^c		
	Total	20		

Test Statistics^a	
	Freq_individual - Freq_coletivo1
Z	-3,837 ^b
Sig. Assint. (2 caudas)	,000
a. Wilcoxon Signed Ranks Test	
b. Com base em postos positivos.	

Tabela 6: WILCOXON TEST – DIREÇÃO: INDIVIDUAL VS. COLETIVO

Classificações				
		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Direção_individual – Direção_coletivo	<i>Negative Ranks</i>	2 ^a	17,50	35,00
	<i>Positive Ranks</i>	16 ^b	8,50	136,00
	<i>Ties</i>	2 ^c		
	Total	20		

Test Statistics^a	
	Direção_in dividual - Direção_co letivo
Z	-2,221 ^b
<i>Sig. Assint. (2 caudas)</i>	,026
<i>a. Wilcoxon Signed Ranks Test</i>	
<i>b. Com base em postos negativos.</i>	

3.6. Discussão dos resultados

No primeiro estudo, comparei as modalidades de futsal e de natação, tendo em contas as variáveis: direção, frequência de intervenção e conteúdo. Constatou-se que no futsal o total de *feedbacks* na aula foi 330, pois o professor fornecia-os de 10 em 10 segundos. Na natação existiu uma melhoria gradual, pois o número de *feedbacks* foi 225, sendo que o professor fornecia-os de 30 em 30 segundos.

Em termos da ‘direção’, no futsal individualizei alguns alunos (30%), dando pouca informação à turma (16%) e mais ao grupo (44%).

Por outro lado, na natação existiram alterações significativas, tais como o *feedback* ser dado mais ao grupo (75%), devido à aula ser trabalhada por grupos de nível, no individual (14%), e para turma (11%). No futsal e na natação houve maior percentagem de *feedback* individual, mas as diferenças nas modalidades são no grupo e na turma. Logo, na natação dei menos *feedback* individual do que no futsal, devido a ter poucos alunos com muitas dificuldades, enquanto no futsal tinha metade da turma com lacunas a colmatar, daí ter dado mais *feedback* individual.

De seguida, viu-se grandes diferenças no nível da frequência de intervenção, pois no futsal a taxa de intervenção foi muito alta (70%) e na natação foi de (35%), uma discrepância enorme, mas fruto do meu trabalho em saber ser mais calmo e ponderado nas minhas ações, e saber a melhor altura para corrigir e dar *feedback* de conteúdo.

Portanto, 70% do *feedback* dado no futsal foram reforços positivos, o que revela que o professor teve bastantes falhas, pois não sabia quais eram os momentos mais adequados para dar *feedback*, e também a não sabia gerir a frequência com que dava os mesmos. As aulas de natação foram completamente diferentes, já com o *feedback* fornecido no momento mais oportuno, mais seletivo e ponderado. A frequência de *feedbacks* e os reforços positivos foram fornecidos numa percentagem muito mais baixa, sendo que, assim, esta modalidade de caráter individual teve resultados notórios, pois o professor apresentou mais *feedback* de qualidade e menos de quantidade.

Desta forma, posso afirmar, através dos resultados apresentados, que a modalidade de natação foi a melhor prestação em termos da intervenção do *feedback* do professor. Este revelou bons conhecimentos acerca da matéria, deu o feedback certo nos momentos mais oportunos da aula, fazendo com que os alunos assimilassem devidamente os conhecimentos transmitidos, permitindo que houvesse evolução significativa na modalidade.

No estudo 2, comparei as mesmas variáveis mas com um aumento das modalidades coletivas e individuais. No grupo das modalidades coletivas na frequência de intervenção houve ainda evolução, pois o docente conseguiu perceber que não é necessário estar constantemente a transmitir *feedback*, mas apenas quando necessário, e, por isso, a média no futsal foi de 7,3500 e no tag foi de 3,3500, uma diferença muito significativa e bastante positiva, para o docente e para os alunos.

No que toca à direção, dei no futsal 213 individuais e 117 em grupo enquanto no Tag Rugby forneci menos *feedback* individual como 50 e mais de grupo 160. Ou seja, isto quer dizer que individualizei mais no futsal devido a ter mais alunos com dificuldades, e no Tag tinha a maioria da turma quase ao mesmo nível, não sendo necessário individualizar muito mas sim dar mais *feedback* de grupo, para que a turma atingisse o sucesso escolar.

No grupo das modalidades individuais, na variável da frequência de intervenção, também na natação (3.3500) e na ginástica (2,7500), demonstrou-se que o professor foi menos interventivo, mas deu os *feedbacks* no tempo mais oportuno, fazendo com que houvesse progressos significativos nos alunos. Assim, o docente não esteve constantemente a transmitir informação desnecessária como tinha acontecido na modalidade de futsal.

No que diz respeito à variável da direção, utilizou-se mais o *feedback* de grupo, pois na natação obteve-se 165 e na ginástica 130, isto quer dizer que o professor deu mais aos grupos do que individual. Aí a natação teve 60 e na ginástica teve 30. A natação foi necessário individualizar mais do que na ginástica, devido a haver alunos com mais dificuldades na modalidade, pois não tinham realizado devidamente a adaptação ao meio aquático, enquanto na ginástica estavam à vontade na modalidade.

Portanto, verificou-se que o professor estagiário teve melhor prestação do *feedback* nas aulas de educação física, em relação às variáveis de frequência de intervenção e de direção, nas modalidades individuais. Também, teve melhor prestação porque as modalidades individuais foram dadas a partir do 2º até ao 3º período, que fez com que houvesse um tempo de reflexão e de uso das medidas de intervenção, com a ajuda do professor orientador e do núcleo de estágio, para que conseguisse colmatar as adversidades e superar as obstáculos que tinha, conseguindo fornecer o *feedback* correto, no momento mais oportuno da aula, auxiliando os alunos a conseguirem progressos notáveis nas modalidades que sentiam mais dificuldades.

O tempo que tive para refletir e para usar as medidas de intervenção serviu para entender que o *feedback* fornecido aos alunos tem de ser dado quando eles mais precisam e não constantemente, pois, assim, eles respondem ao estímulo de uma maneira positiva. Portanto a experiência e o tempo de prática foram decisivos para a minha melhoria no fornecimento do *feedback* aos alunos.

3.7. Síntese Conclusiva

Com todo este tema-problema investigado e efetuado, concluiu-se que o professor conseguiu ter uma melhor prestação no *feedback* nas modalidades individuais, devido a saber usar as medidas de intervenção, mas também pelo tempo de prática, pois conseguiu adquirir alguma experiência e conhecimento, percebendo os erros cometidos que conseguiu solucionar com a ajuda do professor orientador e núcleo de estágio.

Tive sempre o propósito de melhorar a prática docente, para conseguir ter boa prestação nas aulas. Realizei este estudo para conseguir, por um lado, encontrar e solucionar as minhas falhas, e, por outro, melhorar com o tempo e com as críticas construtivas.

Averiguou-se uma evolução bastante positiva do 1º estudo para o 2º, pois com o trabalho, esforço e pesquisa de soluções, consegui ter uma intervenção pedagógica melhor nas minhas aulas.

É de realçar que, neste projeto, consegui melhorar a minha capacidade de reflexão, de saber ouvir as críticas dos outros, podendo evoluir com elas para que não cometa os mesmos erros futuramente.

Foi um desafio enorme efetuar este trabalho, tentar aprimorar as minhas falhas durante a ação das aulas, para que desenrolassem da maneira mais propícia através do processo de ensino-aprendizagem, sendo que foi uma mais-valia para conseguir exercer a profissão de docente devidamente.

Em suma, espero continuar a evoluir e a fazer progressos no *feedback*, pois este é essencial para a evolução dos alunos, e, também, para que consigam fazer avanços evidentes ao longo da sua caminhada escolar.

CONCLUSÃO

O meu estágio pedagógico proporcionou-me bastantes vivências e experiências positivas, em que consegui colmatar as minhas falhas, superando, assim, os meus obstáculos que pensara que eram intransponíveis.

Tenho agora mais confiança para lecionar no futuro, para colocar em prática tudo o que aprendi no estágio, conhecimentos e habilidades, para que consiga ser um ótimo docente, fazendo sempre com que os alunos estejam em constante evolução no seu percurso-

Este EP foi sem dúvida muito trabalhoso mas todo o esforço vale a recompensa, por isso, tenho de estar satisfeito, porque irei trabalhar numa área que gosto.

Em suma, este estágio tornou-me uma pessoa com uma visão diferente do que é ser professor, com mais experiência, capacidade de enfrentar novos desafios e conhecimentos importantes, que permitam que atinga o sucesso esperado enquanto futuro docente.

BIBLIOGRAFIA

Aranha, A. (2007). Observação de aulas de Educação Física: Sistematização da observação-sistemas de observação e fichas de registo. Vila Real: UTAD

Bento, J, Garcia, R, & Graça, A. Contextos da pedagogia do desporto. Setembro de 1998. Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Desporto.

Bento, J. O. (2003). Planeamento e Avaliação em Educação Física. Livros Horizonte.

Siedentop, D. (1983). Development teaching skills in Physical Education, Second edition.)

Cunha, F. A. (Novembro de 2003). Feedback como instrumento pedagógico. *EF.deportes*.

Godinho, M. B. (1995). Informação de retorno e aprendizagem. 217-220. Lisboa: Livros Horizonte.

Lewy, A. (1979). Avaliação do currículo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP)

MAGILL, R. A. (1984). Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações. São Paulo.

Mariane da Silva Brandão, O. B. (2016). Classificações para o feedback e qualificação de sua utilização no ensino esportivo. *EFdeportes*.

Mesquita. (2005). A pedagogia do treino. A formação em jogos desportivos coletivos. Livros Horizonte 3ª edição.

PÉREZ, L. M., & BANUELOS, F. .. (1997). Rendimiento Desportivo, claves para la Optimización de los Aprendizajes. Madrid.

Piéron, M. (1986). Formação dos professores. Aquisição de Técnicas de ensino e Supervisão Pedagógica. Faculdade de motricidade humana .

Piéron, M. (1999). Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-deportivas. Barcelona: Inde

Sarmento, P. ., (1998). Pedagogia do desporto, Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto. Faculdade de motricidade humana.

SCHMIDT, R. A. (1993). Aprendizagem e Performance Motora. São Paulo.

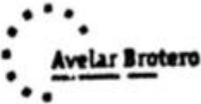
Anexos:

Anexo 1 – Modelo do Plano de Aula

Plano Aula						
Professor(a):			Data:		Hora:	
Ano/Turma:		Período: 2º		Local/Espaço:		
Nº da aula:		U.D:		Nº de aula / U.D.		Duração da aula:
Nº de alunos previstos:				Nº de alunos dispensados: 0		
Função didática:						
Recursos materiais:						
Objetivos da aula:						
Tempo		Objetivos específicos	Descrição da tarefa / Organização	Componentes Críticas	Critérios de Êxito	Estratégias / Estilos / Modelos de Ensino
T	P					
Parte Inicial da Aula						
Parte Fundamental da Aula						
Parte Final da Aula						
Fundamentação/Justificação das opções tomadas (tarefas e sua sequência):						

Anexo 2 – Grelha da avaliação Diagnóstica

Escola Secundária da Lousã		Avaliação Diagnóstica Andebol														 GOVERNO DE PORTUGAL  MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA			
		Gestos técnicos/Conhecimento do Jogo					Ataque					Defesa				Socio-afetivo	Conhecimentos	Média	Nível
		Passe		Remate			Conhece os objetivos do jogo, a função e o modo de execução das principais ações técnico-táticas e as regras do jogo.	Desmarca-se ocupando racionalmente o espaço	Finaliza utilizando os vários tipos de remate.	Escolhe as ações favoráveis ao êxito pessoal e do grupo.	Ultrapassa o seu adversário direto (1x1) utilizando fintas e mudanças de direção	Logo que a equipa perde a bola defende, procurando recuperar novamente a bola.	Impede ou dificulta a progressão em drible, o passe e o remate colocando-se entre a bola e a baliza.	Guarda Redes					
		Picado	Ombro	Suspensão	Apoio	Enquadra-se entre a bola e a baliza								Se recuperar a bola inicia logo o contra-ataque direto ou de forma apoiada.	Atitudes e Valores	Regras da modalidade			
1	Beatriz Moreira																3		
2	Carolina Mingachos	3	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	4		3	
3	Carolina Francisco	3	4	3	4	3	4	3	3	3	3	3	3	4	4	4		4	
4	Carolina Ventura	4	4	3	4	3	4	3	3	3	3	4	4	4	4	4		4	
5	Francisco Vaz	4	5	5	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	4	5		4	
6	Gonçalo Graça	5	5	5	5	4	5	4	4	5	4	5	5	5	4	5		5	
7	Guilherme Silva	3	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4		3	
8	Guilherme Rodrigues	3	3	4	4	3	4	3	3	3	3	3	3	3	4	4		3	
9	Inês Martins	3	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4		3	
10	Ivo Silva	5	5	5	5	5	5	5	4	5	4	5	5	5	4	5		5	
11	Jeremia Krutsch	4	5	5	4	4	4	4	4	5	4	4	4	5	4	5		4	
12	Joana Paiva	4	4	4	5	4	4	4	4	5	4	4	4	5	4	4		4	
13	Jorge Neves	3	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3		3	
14	Jorge Pinto	3	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3		3	
15	Margarida Campos	3	3	2	4	2	2	2	2	2	3	2	3	3	4	3		3	
16	Margarida Pereira	3	3	3	4	3	3	2	3	3	3	3	3	3	4	3		3	
17	Mariana Henriques	3	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3		3	
18	Miguel Gil	4	4	4	5	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4		4	
19	Rodrigo Lopes	4	4	4	5	4	4	4	4	4	4	4	4	5	4	4		4	
20	Vitória Rodrigues	3	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3		3	



CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO

VIII Oficina de Ideias em Educação Física

Certifica-se que NUNO MIGUEL DOS SANTOS COSTA foi preletor neste evento, realizado pelo Núcleo de Estágio Pedagógico em Educação Física da Escola Secundária Avelar Brotero, no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob o tema *"A Progressão do Ensino em Educação Física – Uma espiral ascendente dos conteúdos"*.

O Diretor do SDEF-UC

(Prof. Doutor Manuel Esteves da Fonseca)

O Diretor da ESAB

(Eng.ª Manuel Esteves da Fonseca)

Coimbra, 03 de abril de 2019



CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

VIII Oficina de Ideias em Educação Física

Certifica-se que NUNO MIGUEL DOS SANTOS COSTA esteve presente neste evento, realizado pelo Núcleo de Estágio Pedagógico em Educação Física da Escola Secundária Avelar de Brotero, no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob o tema "*A Progressão do Ensino em Educação Física – Uma espiral ascendente dos conteúdos*".

O Diretor da FCFDEF-UC

UNIVERSIDADE
DE
COIMBRA
(Professor António Figueiredo)

O Diretor da ESAB

(Eng.º Manuel Esteves da Fonseca)

Coimbra, 03 de abril de 2019



8º Fórum Internacional das Ciências
da
Educação Física



Educação Física; Espaço e Identidade

Nome: Santos

**Assistiu ao evento, organizado pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da
Universidade de Coimbra.**

Coimbra, 16 e 17 de maio de 2019



**Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

